

CROCODILO



JAVIER ARANCIBIA CONTRERAS

# Crocodilo

*Romance*



Copyright © 2019 by Javier Arancibia Contreras

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Rodrigo Pimenta

*Foto de capa*

Istvan Kadar Photography

*Preparação*

Ana Martini

*Revisão*

Jane Pessoa

Angela das Neves

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;  
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Contreras, Javier Arancibia.

Crocodilo : romance / Javier Arancibia Contreras. — 1<sup>a</sup> ed.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3281-2

1. Romance brasileiro I. Título.

---

10-29011

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

*Só existe um problema filosófico realmente sério:  
o suicídio.*

Albert Camus, *O mito de Sísifo*



DIA ZERO



Hoje, meu filho Pedro pulou da janela do seu apartamento. Ele morava no décimo primeiro andar de um edifício antigo, de arquitetura clássica, em uma rua pequena e charmosa, tomada de árvores, que destoava muito das amplas e movimentadas avenidas ao redor. Ainda que houvesse sua cota de circulação de pessoas, o lugar era quase uma ilha de tranquilidade em meio ao caos do centro da cidade. Isso, porém, não deve ter feito a menor diferença no momento em que Pedro decidiu se jogar lá de cima e quebrar, com essa atitude, o clima de harmonia daquele pequeno trecho do bairro.

“Morreu na hora, instantaneamente”, me disseram no IML.

Fui para lá cerca de duas ou três horas depois do incidente. Tempo que policiais, bombeiros e paramédicos levaram para chegar ao local, isolar o perímetro, identificar a vítima, conseguir o telefone de um parente e recolher o corpo desarticulado da via pública, colocando-o dentro de um saco emborrachado cinza com zíper — daqueles que vemos mais em filmes que na vida real —, usado para transportar cadáveres.

“Ele não sentiu dor”, completaram os médicos-legistas, baixando os olhos ingenuamente, por apenas um segundo, na direção dos sapatos.

Aquilo não deixava as coisas mais claras. Devia ser apenas uma técnica usada para diminuir o sofrimento dos parentes. Uma espécie de protocolo estabelecido pelos profissionais que lidam com a morte diariamente. Um pacto inconsciente e sentimental entre eles para amenizar o desespero dos familiares da vítima em qualquer ambiente em que pudessem encontrá-los. Um afago de piedade.

Quanto a mim, me recuso a acreditar que o Pedro não tivesse sentido qualquer tipo de dor ao se espatifar no asfalto. Morreria o corpo do meu filho assim, num átimo, um segundo depois do impacto? Ou seus órgãos, músculos e nervos explodiriam, pululando e se desintegrando internamente por algum tempo, o mínimo que fosse, em uma jornada de dor até a chegada da morte, que ninguém perceberia a não ser ele mesmo?

A verdade é que nunca saberei o que aconteceu naquele fim de tarde porque o Pedro, definitivamente, estava morto. Só me restava então especular sobre toda a situação e, com isso, alimentar a chama cruel da dúvida. Um sentimento talvez ainda pior do que a própria perda.

Estavam com os documentos do Pedro e, antes de fazerem a autópsia característica dos casos de morte violenta, tive que reconhecer o corpo. Marta, que devido ao trânsito caótico do início da noite chegara depois da minha primeira conversa com os legistas, queria entrar na sala gelada dos cadáveres de qualquer jeito. De imediato, não permiti. Seu corpo tremia demais e ela não conseguia dizer muita coisa que eu pudesse compreender. As lágrimas se misturavam à coriza do nariz enquanto ela chorava em silêncio e me apertava os braços com tanta força que cheguei a sangrar.

Marta era uma mulher forte e sóbria. Eu nunca a tinha visto daquela maneira. Estava em meio a uma terrível crise de nervos e, naquele momento, achei que seria melhor se ela visse o Pedro apenas na última etapa daquele processo doloroso, na preparação do velório, depois que os legistas retalhassem, abrissem e costurassem todo o corpo do nosso filho em busca de evidências e da causa mortis. E, sobretudo, depois que os profissionais do serviço funerário consertassem o rosto e o corpo dele, o vestissem adequadamente e, de alguma forma, conseguissem maquiar a tragédia.

Um dos médicos se aproximou de mim, viu os pequenos filetes de sangue brotando vagarosamente da pele fina dos meus braços, própria da velhice, e disse que Marta estava tendo um ataque de histeria. Perguntou se eu achava melhor sedá-la. No desespero de ver a minha mulher daquele jeito e, mais que isso, covarde a ponto de não ter a menor ideia do que dizer a ela naquele momento impensável, meneei a cabeça positivamente. Logo, o médico reapareceu com um sedativo e o aplicou com destreza no braço de Marta, que, com uma força desproporcional, teve de ser contida por mim e mais um.

Depois de vê-la desfalecer e, com a ajuda dos médicos, acomodá-la em um sofá apertado dentro do pequeno escritório do instituto, me senti uma pessoa horrível e cruel. Soube naquele instante que Marta alimentaria, pelo resto de sua vida, um rancor por causa da minha atitude. Afinal, quem era eu para impedir-lá de sofrer, de iniciar seu luto?

Foi assim que entrei sozinho naquela sala fria e impessoal, sob os olhares pegajosos de comiseração da equipe do IML. Lá estava meu filho, estirado sobre uma maca metálica no canto do lugar. Assim que me aproximei, sem sequer pedir permissão aos legistas, arranquei o lençol verde-água de cima dele. Era, sim, o Pedro. Mas também não era. Ele estava nu, e isso me causou um

grande estranhamento. Não me lembra de ter visto meu filho nu desde o fim da infância, quando começamos a nos esconder e a estabelecer limites no relacionamento com os pais.

Embora apresentasse muitos hematomas e fraturas, seu corpo magro e longilíneo estava limpo e exalava um cheiro agradável de sabão neutro. Tinha sido lavado antes da entrada dos familiares. Entretanto, o corpo parecia mais branco que o normal, e logo raciocinei que ali, naquele momento, Pedro era só um cadáver, e os cadáveres têm mesmo esse aspecto pálido devido à falta de circulação do sangue.

Observei seus pés grandes e ossudos, suas pernas de poucos pelos e me fixei por um longo tempo em seu pênis flácido, pensando inadequadamente nas experiências sexuais que o meu filho não mais teria. Subi o olhar pelas costelas quebradas e afundadas na carne e, de uma maneira estranha, seu corpo parecia murcho, oco. Analisei todo aquele cenário com meu pragmatismo habitual e irritante, e pensei que talvez ele tivesse caído errado, se é que existe uma forma correta de cair, e, por esse motivo, havia se machucado tanto. Os dois braços na altura dos cotovelos e dos antebraços também estavam fraturados e, por essa razão, eu só pude compreender que, no último momento, num raciocínio equilibrado tardio, Pedro tivesse desistido daquela loucura e tentado, de alguma forma, amenizar a queda.

A cabeça também havia batido forte e o rosto estava bastante machucado. A orelha esquerda tinha sido praticamente esmigalhada, e esse lado do rosto tinha afundado um pouco devido aos ossos quebrados. Ele também perdera alguns dentes, o que pude ver por uma pequena fresta da boca, provavelmente uma falha de quem ajeitara o corpo para o reconhecimento. Uma pena, porque o Pedro tinha um sorriso cativante. Mas isso já não tinha nenhuma importância. No velório, todos os mortos ficam de boca fechada. Isso se conseguíssemos fazer um velório com caixão aberto.

Dei um passo para trás e, ao observar de uma distância maior o corpo de pouco mais de um metro e oitenta do meu filho morto, tive pensamentos estranhos e fora de hora. Eu não fazia ideia de quantos metros equivalia o décimo primeiro andar de um prédio como o dele, por exemplo. Comecei a pensar e cheguei à conclusão de que, se cada andar de um prédio residencial equivale em média a três metros de altura, ele teria caído de uma altura de trinta e poucos metros. Mais tarde descobri que esse era o tamanho da maior baleia-azul já encontrada no mundo e, por um segundo, achei bonito. Ou, bem menos poético, o tamanho de um Boeing 737. Não parece muito, pensando assim. Mas é o suficiente.

Algum tempo depois, Marta acordou. Estava meio zonza, grogue pela medicação. Já não tinha forças para nada. Eu a abracei com todo o cuidado que pude e ela logo voltou a chorar em silêncio, balbuciando que Pedro havia caído após um acidente doméstico. Claro. Trocando as cortinas da sala. Ou, talvez, limpando as janelas sujas da poluição e da merda dos pombos do lado de fora. Ou então, num vacilo qualquer, chapado demais depois de fumar a maconha de que tanto gostava.

Ali, naquele momento, Marta não queria saber o motivo verdadeiro da morte do Pedro. Não queria acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Jamais se imaginou mãe de um filho suicida. Ninguém jamais se imaginaria mãe ou pai de um suicida. O silêncio e a covardia colaboraram para contaminar o ambiente. Eu mesmo não toquei no assunto, nem os legistas nos ajudaram a enfrentar a realidade. Em nenhum momento qualquer um de nós pronunciou a palavra dura e incômoda que se tornou um tabu de proporções universais: suicídio. Preferimos dizer: tragédia.

É quase sempre assim. A palavra é escamoteada desde o início, e vai permanecendo na obscuridade das entrelinhas até

finalmente todas as pessoas, das mais distantes às mais próximas, saírem do luto e resolverem seguir suas próprias vidas. Então voltam a dormir bem, a fazer compras, a sair com os amigos, a rir de piadas, a ir ao cinema, a trabalhar, a transar. Afinal, não foram elas que decidiram pular e abandonar o barco. A partir daí, restam apenas os familiares mais próximos, que em algum momento também acabam retomando seu ritmo de vida, e então, por último, os pais e os irmãos.

O nosso problema é que o Pedro era filho único. Então seríamos novamente Marta e eu. Como no início, antes dele. Só que três décadas mais velhos.